

AGRESSÕES E VIOLAÇÕES NA CRACOLÂNDIA



*Material produzido pela
equipe d'A Craco Resiste*





A Craco Resiste é um movimento autônomo que vem marcando presença na região da Luz, no centro de São Paulo, conhecida como Cracolândia, atuando como uma espécie de vigília. Estamos presentes constantemente no território para evitar e denunciar as agressões das forças de segurança e outras formas de violência a que estão submetidas, cotidianamente as pessoas que vivem e frequentam essa área fortemente estigmatizada.

A violência contra os usuários de droga e população de rua é uma constante na região. Episódios esporádicos, quando a situação ganha grandes proporções, acabam por chegar ao público, através dos meios de comunicação. Raramente, no entanto, a versão dos atingidos, das vítimas das arbitrariedades do Estado, é apresentada de forma ampla.

Por isso, trazemos aqui uma compilação e registro das violações feitas constantemente no território, para mostrar de que não se tratam de episódios isolados, mas de agressões permanentes como forma de limpeza social. Mesmo na gestão Fernando Haddad, quando a prefeitura cedeu às experiências bem sucedidas mundialmente de redução de danos, implementando um programa neste sentido, a violência nunca parou de acontecer. Até as ações de limpeza e zeladoria das ruas foram e são usadas como forma de humilhar e violentar essas pessoas.

Agora, com a retomada aberta do projeto de higienismo declarada sem pudores no discurso truculento de João Doria, os policiais e guardas que estão presentes no território se sentem liberados para intensificar as agressões contra essa população. É constante ainda a ameaça de uma operação organizada para fazer uma verdadeira varrição social, se valendo de internações forçadas, prisões e até demolições, para que não reste nada para impedir o processo de especulação imobiliária e privatização da cidade.

Sistematizamos as ações violentas contra os residentes e frequentadores da região da Cracolândia segundo alguns padrões:

1- AGRESSÕES generalizadas

A partir de um suposto ato cometido por um indivíduo ou grupo as forças de segurança do estado e do município agredem de diversas formas, indiscriminadamente, todas as pessoas que se encontram na região conhecida como Cracolândia.

2- USO CRUEL de armas menos letais

Frequentemente os policiais militares causam ferimentos graves intencionalmente com o uso do armamento letal. Foram registrados e testemunhados vários casos em que as pessoas são atingidas no rosto, causando marcas dolorosas, humilhantes e aumentando o risco de sequelas permanentes. O spray de pimenta também é usado corriqueiramente para humilhar e agredir sem justificativas razoáveis. Espancamentos com cassetete são outra prática recorrente.

3- PROVOCAÇÕES e agressões gratuitas

Além dos diversos relatos de usuários e trabalhadores sociais da área, militantes da Craco Resiste já presenciaram provocações feitas por policiais militares e guardas municipais contra os usuários da região. Essas atitudes dificultam a ação dos serviços de assistência ao criar um ambiente de tensão e conflito permanente, que deriva ainda para episódios de extrema violência. Ações cotidianas, como a limpeza das ruas, são transformadas em momentos de agressão e humilhação contra o povo de rua. São tomados objetos pessoais desnecessariamente e feitas agressões verbais, com spray de pimenta e cassetetes.

4- VIOLÊNCIA contra pessoas em situação de vulnerabilidade

Como constatado nos levantamentos feitos pela prefeitura e governo estadual, a região da Cracolândia tem crianças e um percentual relevante de pessoas com diversos tipos de vulnerabilidade. No entanto, a Polícia Militar e a Guarda Civil Metropolitana têm usado sem pudor cassetetes, bombas de gás e spray de pimenta contra essas pessoas. É importante lembrar que são justamente essas pessoas que têm mais dificuldade de se locomover e fugir dos episódios de violência generalizada, via de regra, provocados pelas próprias forças de segurança. Assim, os mais vulneráveis acabam sendo os mais atingidos pela truculência das dos braços armado do Estado

5- DESINFORMAÇÃO e falta de transparência

A Polícia Militar e a Guarda Civil têm apresentado versões incompletas, contraditórias e apresentado fatos falsos para justificar as ações feitas no território da Cracolândia. A prefeitura, por sua vez, também não tem apresentado de forma pública e clara quais são os planos de intervenção na área, vazando informações a conta-gotas para veículos de imprensa. O poder municipal evita deste modo, o debate franco sobre a situação das pessoas que vivem na região e as medidas que serão adotadas.

No dia 17

de janeiro de 2017, uma terça-feira a Polícia Militar usou bombas de gás e balas de borracha contra as pessoas que estavam na região da Rua Helvétia e alamedas Dino Bueno e Barão de Pracicaba. Além dos usuários de drogas, que se concentram no fluxo da Cracolândia, a munição menos letal atingiu moradores da região, inclusive crianças. Muitos foram feridos no rosto ou na boca. Os militantes da Craco Resiste resgataram um rapaz que se locomove com muletas e usa uma sonda urinária. Ele havia sido agredido com cassetadas nas costelas e teve que ser atendido em um hospital.

A PM apresentou justificativas contraditórias e inconsistentes para a operação que envolveu o Batalhão de Choque, diversas viaturas e motocicletas. Em um primeiro momento, a corporação disse a alguns veículos de imprensa que ação começou após um grupo de usuários de drogas apedrejar uma base comunitária na Praça Princesa Izabel. História que não faz o menor sentido. Apesar de relativamente próxima, a praça fica fora do fluxo, onde foram feitas as ações.

Em seguida, a polícia disse que entrevistou depois de um desentendimento entre usuários e pessoas que saíram de um culto religioso. Ver são que os militantes da Craco Resiste que estavam no local também apuraram ser falsa. Os usuários tem grande respeito pelas congregações religiosas que atuam na área e no momento da operação não havia nenhum sinal de problemas.

Os relatos colhidos pela Craco Resiste dão conta que os policiais da base localizada no Largo Coração de Jesus, dentro do fluxo, agrediram alguns usuários, provocando uma reação das pessoas que presenciaram os despropósitos. A partir daí, foi chamado um grande contingente de policiais que passou a agredir indiscriminadamente todas as pessoas que estavam na região com balas de borracha e bombas de gás. A revolta com a ação injustificada foi tanta, que resultou no saque de lojas na Santa Ifigênia.

Previsivelmente, foram as imagens das câmeras de segurança dos estabelecimentos comerciais que deram o tom da narrativa apresentada ao público naquele dia. Não foram exibidas, no entanto, as filmagens das abordagens feitas pelos policiais nas ruas, com indícios de abuso e fraude. Pessoas que foram pegas nas ruas após os fatos e levadas à delegacia como autoras de furtos.



Ação policial na Cracolândia ocorrida em 17.01.2017

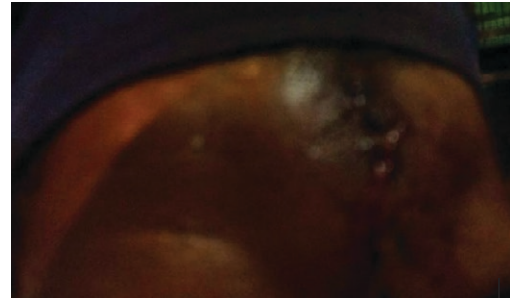
Relato 01 - Marcos Vinicius Maia, sociólogo, 34 anos

“A gente soube ontem sobre a invasão da polícia no fluxo, ou seja, na Cracolândia, através dos trabalhadores dos hotéis do Programa de Braços Abertos. Nos disseram que os moradores chegaram de noite todos apavorados com o que havia acontecido ali, daí eu fui correndo em direção ao centro, ao fluxo, e encontrei outros companheiros da Craco Resiste. Chegando lá, a gente viu uma cena de guerra, uma maluquice. Bomba para tudo quanto é lado, um armamento super pesado, Rocam, Choque, e eles estavam fechando as ruas, a gente não conseguia entrar. A gente ia por um lado e eles proibiam a gente, ia por outro e proibiam também. Teve uma hora que eu tentei entrar, daí eu levantei os braços em direção a polícia e falei “olha, eu sou dos Direitos Humanos”, e o cara simplesmente apontou a arma para mim, na minha direção, e disse: “foda-se”. Inclusive criança. Daí eu dei a volta para tentar tirar uma foto, qualquer coisa assim, e não rolou também, os caras correram atrás de mim, a polícia, e eu tive que sair de lá. Mas isso a gente ficou o tempo todo ali, andando pelo fluxo, falando com as pessoas, e pegando vários relatos. Agora sobre o que foi a faísca, do que aconteceu tudo, a gente pegou vários relatos de várias pessoas distintas e bateu. Parece que ali tem uma base da polícia que chama 541, uma coisa assim, uma base da polícia que fica ali na Craco, e a equipe de trabalhadores, de policiais, parece que são três, que trabalham nos dias ímpares, eles trabalham em escala 12 por 36, são três caras que são super truculentos, super violentos, e que vivem a reprimir essa galera. Parece que tinha um senhor ali dormindo, ali perto da base deles, e eles chutaram o cara inteiro. Eles colocam lanterna na cara das pessoas, eles reprimem, e parece que chega até a haver uma questão de propina e tal. E parece que ontem foi a gota d’água, afinal de contas ninguém tem sangue de barata. Eles foram enxotados ali da Craco a pedras, e por isso a polícia apareceu lá com tudo depois, né. Dessa forma que a gente já sabe. E realmente tinha uma galera arrombando uma loja, mas a polícia não chegou na hora, chegou depois, chegaram depois e pegaram umas quatro pessoas de bode expiatório, inclusive um garçom do bar Amarelinho que é amigo nosso e que não tem nada a ver com a história e ele está preso até agora.”

Relato 02 - Luiz Antunes, analista de marketing, 38 anos

“Cheguei ontem na região da Cracolândia logo após o confronto. Ao chegar na Praça Princesa Isabel encontrei um senhor com ferimentos na boca, e ele alega que os ferimentos foram causados por PMs durante a invasão na região do fluxo da Cracolândia.

Em seguida eu fui em direção a Praça Julio Prestes e acabei encontrando várias motos da Rocam, e muitas viaturas de área, e algumas pessoas detidas também. Em seguida eu fui em direção da região do fluxo, da rua Helvetia e rua Dino Bueno. Na rua Helvetia encontrei a Tropa de Choque fechando uma extremidade da rua, então me dirigi à rua Dino Bueno, onde encontrei a Tropa de Choque fechando a rua Dino Bueno. Nesse momento eu não consegui observar nenhuma pessoa que frequenta a região dentro do fluxo. Caminhando mais um pouco eu encontrei várias pessoas feridas, principalmente com ferimentos nas pernas, e nos pés, e duas pessoas com ferimentos aparentemente graves. Um rapaz com um ferimento na testa, que sangrava muito, e esse rapaz não quis ser socorrido. E outro rapaz, deficiente físico, que usa muletas para se locomover, e tem uma bolsa de coleta de urina que fica bem evidente, porque ele usa para fora da calça, ele foi agredido por PMs. Nós da Craco Resiste socorremos ele até a Santa Casa, mas ele sentia muita dor e não conseguia respirar direito. Ele ficou para trás na invasão da PM e acabou levando alguns golpes de cassetete na região das costelas. O que eu pude observar assim é que essa ação da PM gerou um descontrole muito grande das pessoas que convivem na região ali da Cracolândia e causou um transtorno enorme para a cidade. Me parece que a ação foi completamente desproporcional e sem nenhum planejamento, porque os danos causados para os moradores que vivem ali na região do fluxo e para quem vive ali na região central foram bem grandes né. Na operação havia motos da Rocam, policiamento de área, base móvel, Tropa de Choque, e Força Tática na região.”



Ferimento provocado por estilhaço de bomba de efeito moral



No dia seguinte ainda havia diversas bombas e cartuchos deflagrados na operação policial



Jovem atingida no rosto por munição menos letal disparada pela PM



Corte provocado por estilhaço de bomba lançada pela polícia

Relato 03 - Roberta Marcondes • 18 de janeiro •

Tambores e bombas



Oficina de tambores coordenada por Luis Kinugawa na Cracolândia

Ontem fizemos uma atividade linda da programação diária da A Craco Resiste : foi uma roda de Djembês, coordenada pelo Luis Kinugawa e com a participação de um monte de músicos maravilhosos, da Craco e da Instituto África Viva (vídeo abaixo). Uns 20 minutos depois que acabou a roda de tambores ouvimos um barulho de bomba do outro lado do fluxo, perto da praça do sagrado coração de Jesus. Rapidamente dezenas de usuários começaram a correr para fora do fluxo. Meu compadre, que estava do meu lado, correu em direção as bombas para procurar sua esposa grávida, perto da onde as bombas estouravam. Fiquei com medo. Alguns usuários tentaram nos tirar dali. Mas nossa vigília da A Craco Resiste também é para testemunhar a violência, então ficamos. O Escobar saiu correndo com um usuário para ver como estava no largo, eu (Robertinha), o Daniel e o Ed ficamos perto dos usuários que estavam nos protegendo. Logo o Escobar voltou. A polícia não nos deixava passar.

Logo chegou o Marquinho muito impressionado com os relatos que tinha ouvido no hotel social onde trabalha. Muitas pessoas falavam de duas crianças que estariam feridas no fluxo. Por isso, resolvemos tentar passar. Fomos em direção a barreira policial, o Marquinhos gritou que éramos dos direitos humanos e um coxa do choque nos gritou de volta “foda-se” e nos apontou uma arma gigante. Dois outros policiais apontaram também. Corremos, claro. Eu queria voltar para a Rio Branco, estava com medo. O Marquinhos resolveu ir para o fluxo. Tentei impedir, mas ele me respondeu com sua disposição de morrer pela luta e para tentar chegar aos feridos que estavam lá. Logo o Marquinho voltou porque foi ameaçado pelos policiais. O outro cara que foi com ele foi espancado e teve seu celular resetado pelos policiais. Logo o fluxo já havia virado três pontos de concentração diferentes com muito consumo de crack. A Ju sugeriu que postássemos na página para não ser a Folha a noticiar, um menino do nosso lado respondeu “a Folha sou eu”. Realmente, a primeira matéria que saiu foi muito ruim, falava de policiais feridos e confronto (como se os usuários, com todas as suas fragilidades, pudessem realmente enfrentar a tropa de choque).

Encontrei meu compadre machucado e ainda preocupado com minha comadre que ele não havia encontrado desde o começo da violência policial. Demos a volta pela Duque de Caxias, já tínhamos encontrado o Luis e a Ju, que também estavam na luta com a gente. Na Duque vimos algumas pessoas deitadas no chão em forma humilhante (foto 1 e 2 – sem as caixas) – detidos pela polícia. Depois vimos policiais entrando na loja e colocando caixas ao lado dessas pessoas detidas (foto 3 – já com as caixas). Paramos no bar amarelinho, onde um garçom amigo nosso tinha sido detido por, supostamente, roubar um ventilador (da caixa que havia sido colocada de-

pois). Nos separamos para ir para a delegacia, mas no caminho, eu o Luiz e a Denize, que estávamos indo pra delegacia, encontramos um usuário que tinha apanhado muito da polícia porque é muito debilitado e não conseguiu correr (usa muletas e tem uma sonda urinária). Ele estava precisando de socorro, então fomos para o hospital e pedimos para outras pessoas irem para a delegacia. O Escobar foi, depois chegou o Thi pra ajudar. Às 3h da manhã tivemos alta do hospital e conseguimos leva-lo para o albergue da missão Belém. O Tófoli usou uma expressão que não conhecia, mas depois de olhar no dicionário achei perfeita: “Que sordidez. Que tristeza.”



Transeuntes rendidos pela PM acusados de participar de saques nas lojas da região. Na terceira foto, tirada poucos minutos após a primeira, surgem caixas ao lado dos detidos. Possível indicio de flagrantes forjados.



Crianças são expostas a riscos e atingidas por munição química



Trabalhadores são surpreendidos por ação policial



No dia 2

de fevereiro de 2017, a Guarda Civil Metropolitana (GCM) transformou uma necessária ação de limpeza em mais um episódio de agressão contra as pessoas que vivem no fluxo da Cracolândia. A população de rua desmontou as barracas e abriu espaço para que o local fosse varrido e o lixo recolhido. Porém, para retornarem, as pessoas eram submetidas a uma revista que, sem justa razão, confiscava uma série de objetos. Após o desentendimento por uma cadeira, os GCMs, armados de escudos e cassetetes, passaram a bater nos residentes da área.

É importante marcar que é praxe que as ações de zeladoria e higiene sejam usadas para agredir e humilhar o povo de rua da cidade de São Paulo. Além disso, a região ficou mais de duas semanas sem ser varrida ou receber coleta de lixo. O descaso da prefeitura motivou o CarroçAto da Craco Resiste, quando enchemos quatro carroças, com mais de 420 litros de lixo, e levamos os resíduos para serem descartados nas caçambas na sede da prefeitura.

Além disso, os guardas tentaram impedir o registro dos abusos, ameaçando os ativistas e trabalhadores sociais que presenciaram as cenas.



Relato de **Raphael Escobar** • 2 de fevereiro •

A limpeza não pode ser violenta

Hoje (2/2), a operação de limpeza da Cracolândia mais uma vez, como em inúmeras outras, foi marcada pela opressão da Guarda Civil Metropolitana (GCM).

A ação começou calma. Os moradores saíram da alameda Dino Bueno para que a rua fosse lavada e o lixo retirado. Mas, quando os residentes do fluxo retornavam para a área, os guardas fizeram um corredor de revista (operação já usada na antiga gestão), retirando cadeiras, mesas e outros objetos do povo de rua.

Os militantes da A Craco Resiste e os trabalhadores do Centro de convivência É de Lei que acompanhavam a operação foram abordados pelos guardas civis metropolitanos, que agiram para impedir o registro dos acontecimentos e chegaram a, inclusive, a tentar tomar os celulares.

Argumentamos que eles não poderiam fazer isso. Em resposta, os guardas civis ameaçaram de levá-los para a delegacia. Eu, como militante da Craco Resiste, me dispus a acompanhar a ida ao distrito policial. Porém, os guardas não permitiram. Enquanto meu amigo era revistado, o subsargento Edson veio me dizer que eu não poderia estar ali, porque não trabalho mais no território. O que contestei, dizendo que era amigo das pessoas que estavam passando pela operação. Nesse momento, o subsargento se voltou para mim e afirmou: “Eu sei porque você está aqui, é para eu não fazer o meu trabalho”.

Tentei argumentar que estava apenas agindo em defesa do povo de rua. No entanto, acabei sendo agredido de diversas formas. Os moradores do fluxo de revoltaram ao ver a maneira como os policiais estavam nos enquadrando. Mesmo com a confusão, conseguimos ser liberados.

Logo em seguida, começou um outro conflito na altura da Alameda Dino Bueno com a Rua Helvétia. A Inspetoria Regional de Operações Especiais (divisão da GCM) com seus escudos e cacetetes, começou a bater nos moradores e nos trabalhadores (aqui o registro das agressões). Apesar da tensão, os moradores do fluxo contiveram a revolta para evitar que o conflito ganhasse uma proporção maior, levando em conta que os resultados seriam ainda piores.

As ações de limpeza não podem ser pretexto para opressão. É deve da prefeitura assegurar a coleta do lixo e a varrição das ruas, mas sem confisco de objetos pessoais. Não podemos aceitar qualquer violência física ou moral feita pelas forças de segurança.

O lixo sai, as pessoas ficam!

A Craco Resiste!



Homem atingido na testa por estilhaço de bomba



A GCM usou um grande contingente em uma ação absolutamente truculenta



Rapaz com as costas marcadas por espancamento com cassetete



Ferimento no rosto causado por estilhaço de bomba



Machucado decorrente do tumulto



Olho inchado por pancada com cassetete



Homem ferido no pé durante a ação da GCM



No dia 23

de fevereiro de 2017, a Polícia Militar chegou a lançar bombas de gás contra a tenda onde funciona o programa municipal De Braços Abertos, atingindo não só as pessoas que eram atendidas no momento, mas os trabalhadores dos serviços. Pelo fluxo, o Batalhão de Choque distribuiu balas de borracha, cassetadas e mais bombas, ferindo diversas pessoas. Dois fotógrafos que cobriam a operação foram atingidos por munição letal de calibre .40, de uso exclusivo das forças de segurança.

A ação teve início após uma abordagem da própria PM, que estaria perseguindo um veículo nas ruas da região. A pretexto de agir contra um pequeno grupo de infratores, dezenas de pessoas foram agredidas. A truculência acaba por gerar mais violência. Os usuários revoltados fizeram barricadas e jogaram pedras contra os policiais.

O desastre ficou tão evidente que a até a Secretaria Municipal de Direitos Humanos protestou contra a operação.

Em entrevista coletiva, no dia 27 de abril, o secretário estadual de Segurança Pública, Máximo Barbosa, tentou apresentar uma nova versão do episódio, dizendo que se tratava de um “confronto com traficantes”. A argumentação do secretário vem no sentido de aproveitar a repercussão causada pelas imagens repassadas dias antes pela Polícia Civil, subordinada à secretaria, à Rede Globo que mostram o tráfico dentro do fluxo da Cracolândia.

As filmagens não apresentam fatos novos, além da venda de drogas feita na área há quase 30 anos. São, claramente, um esforço de influenciar a opinião pública para aceitar medidas violentas e ineficazes, como a internação compulsória. Mais uma demonstração de que o governo estadual e a prefeitura, contrariando os deveres da administração pública, tentam construir

narrativas que justifiquem suas ações, sem nenhum compromisso com a verdade.



Polícia Militar empregou um grande contingente de viaturas, motos e homens armados com escudos, bombas de gás e balas de borracha.



Homem ferido por estilhaço de bomba lançada pela PM



Fotógrafo salvo pelo celular ao ser atingido por disparo de munição real de calibre exclusivo de forças policiais e militares.





Hematoma causado por bala de borracha

No dia 10

de março de 2017, os policiais militares que trabalham na base no Largo Coração de Jesus, no centro do fluxo da Cracolândia, mais uma vez atacaram os usuários de drogas em uma agressão desnecessária e gratuita. Sem motivo, passaram a disparar spray de pimenta contra um grupo que ocupava tranquilamente a calçada em frente ao posto policial.

Após a agressão, os policiais passaram então a constranger e ameaçar os trabalhadores sociais e militantes que testemunharam a ação, tentando, inclusive, sem base legal, apreender aparelhos de celular. Todo o episódio ilustra bem o contexto de provocações e violência cotidiana das forças de segurança que atuam na região.



Relato de **Raphael Escobar** - 10 de Março

Abuso

Ontem, por volta das 11:30 da manhã, trabalhadores da região da Cracolândia e militantes da “A Craco Resiste” foram ao fluxo para avaliar a situação do hotel da Laíde, após o incêndio que atingiu o imóvel no fim de semana. Nesse mesmo horário, policiais militares, que atuam na base do Largo Coração de Jesus, passaram a usar spray de pimenta para remover os frequentadores da área que estavam na calçada em frente ao posto da corporação.

O gás se espalhou e atingiu todas as pessoas em volta, que tiveram acessos de tosse e fizeram o possível para se proteger dos efeitos da munição química. Os trabalhadores e militantes ainda tentaram, sem sucesso, dialogar com os policiais. Como a conversa não foi possível, foi decidido que seria feito o registro do nome dos PMs envolvidos para que pudesse ser encaminhada uma denúncia por violação de direitos humanos (sargento Parra, Silis, Teixeira e Kamel).

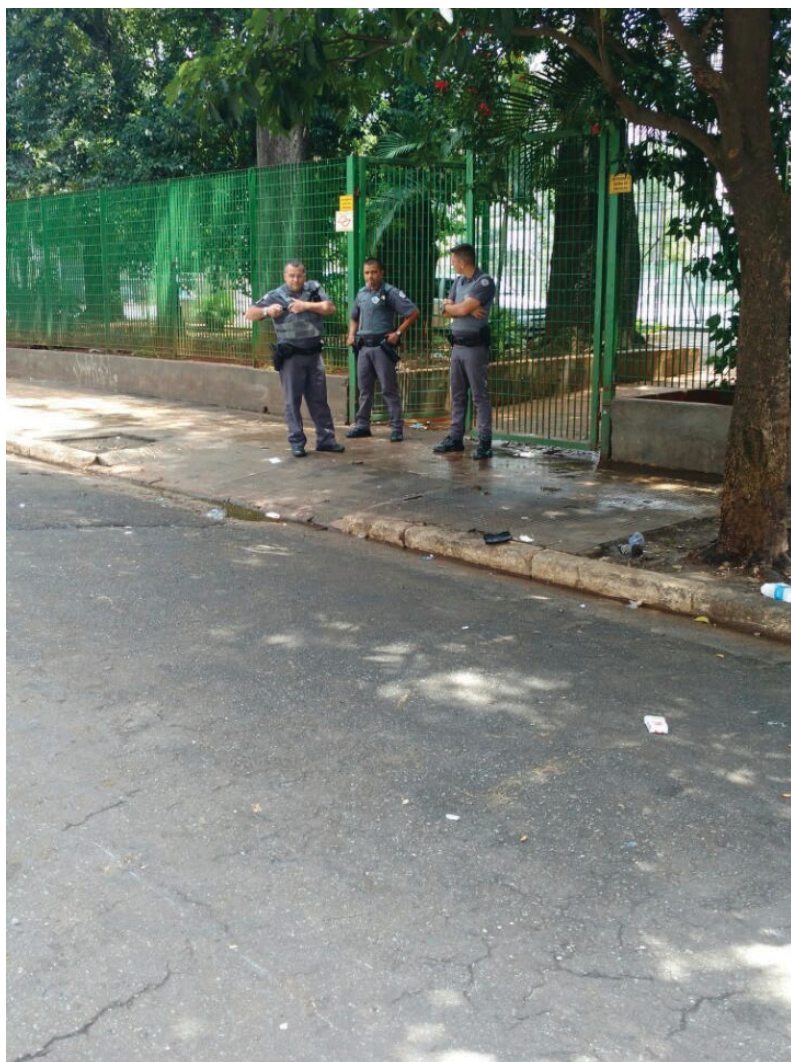
Os policiais passaram, então, a fotografar os trabalhadores e militantes com celular, estes resolveram se valer da mesma estratégia, para complementar a denúncia que seria feita. Ação que o sargento Parra quis impedir, ao tentar pegar o celular de um dos trabalhadores. A arbitrariedade só pôde ser evitada com a ajuda de uma amiga da região, que levou o aparelho para dentro do fluxo, deixando-o fora do alcance dos policiais.

O policial afirmou que pretendia apreender o celular como prova, que seria levada à delegacia. Houve discussão, em que os ativistas argumentaram que é direito legal de qualquer cidadão fazer filmagens. O sargento Parra contestou, dizendo que independente da lei ele trabalhava daquele jeito (à margem das normas, baseado nas próprias vontades). Voltou a ameaçar os militantes e trabalhadores, afirmando que da próxima vez pegaria os aparelhos de qualquer maneira, e foi embora.

É importante lembrar que esse tipo de abordagem é abusiva. É direito de todo cidadão fotografar e filmar qualquer ocorrência de interesse público, como ações policiais.

Por isso, lançamos uma cartilha, para deixar claros os direitos e evitar que os policiais tentem, na rua, inventar as próprias leis.

Resistimos!



Policiais Militares que agrediram, sem motivo, usuários de drogas



No dia 23

de março de 2017, ao menos três pessoas ficaram feridas em uma ação da Guarda Civil Metropolitana. Sob o pretexto de uma perseguição a dois suspeitos de roubo, os guardas entraram de forma intempestiva no fluxo da Cracolândia, atropelando uma pessoa com a viatura.

O movimento desastrado enfureceu os frequentadores da área, que quebraram os vidros do carro. Os guardas passaram então, a fazer disparos com munição letal e balas de borracha contra o grupo. Ao menos uma pessoa foi atingida no rosto por um disparo de bala de borracha.

Um outro caso em que forças de segurança usam o erro cometido por um ou dois indivíduos como pretexto para ferir e abusar indiscriminadamente dos frequentadores e moradores da região da Cracolândia.



Grande contingente da GCM empregado em ação desastrosa para prender suspeitos de roubo.



Cartucho de munição letal deflagrado pelos guardas civis e meio a multidão



No dia 10

de maio, novamente um suposto roubo se transformou em um episódio de agressões generalizadas e extrema violência na Cracolândia. Após a entrada dos agentes da Guarda Civil Metropolitana, foi iniciado um tumulto que resultou em muitos feridos, pelo menos dois deles por munição letal, encaminhados ao pronto-socorro da Barra Funda, e vários outros atingidos por balas de borracha, cassetadas ou estilhaços de bombas de gás.

Relatos dos usuários denunciam ainda que policiais militares incendiaram algumas das barracas com os objetos pessoais das pessoas que vivem na área. Apesar de que houve resistência dos moradores e frequentadores da região, depredando veículos e fazendo barricadas, as malocas queimadas estavam em uma parte periférica do fluxo, onde não haveria razões práticas para que os próprios usuários comessem o fogo.

Essa operação acontece em um momento de intensa campanha midiática para justificar a truculência e o encarceramento, por via de saúde ou judicial, como forma de lidar com a Cracolândia. Nas últimas semanas, a Polícia Civil alimentou veículos de comunicação com imagens que não mostram fatos novos, porém, tentam chocar a opinião pública com a prática de crimes por alguns indivíduos da área.

A violência da operação levou a interrupção dos serviços de atendimento de saúde e assistência social. No dia seguinte, amanheceram fechados o municipal de Braços Abertos e o programa estadual Recomeço, deixando desassistida a população em situação de vulnerabilidade.

O clima de tensão foi agravado pela presença ostensiva da Polícia Militar, com grande contingente, diversas viaturas e exposição de armamento, e da Guarda Civil Metropolitana durante parte da noite do dia 10 e ainda no dia seguinte, dia 11, mantendo a sensação de que a qualquer momento poderia haver uma nova ação repressiva. Essa presença não parece ter outra função além de acirrar os ânimos, uma vez que a prefeitura e o governo estadual dispensaram os funcionários dos serviços de assistência alegando, justamente, falta de segurança.





Barracas com objetos pessoais de moradores da área são incendiadas

